

A/R/TOGRAFIA COMO PROCESSO DE PERCEPÇÃO DE SI NA CONSTITUIÇÃO ENQUANTO ARTISTA-PROFESSOR-PESQUISADOR EM DANÇAS DE SALÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Abner Sanlay Cypriano¹

abner.cypriano@gmail.com

Caroline Carvalho²

ccarvalho.caroline@gmail.com

RESUMO

À luz de questionamentos de como se constitui um artista-professor-pesquisador, discute-se como os processos de pesquisa a/r/tográfica movem percepções nas dimensões artista-professor-pesquisador em Danças de Salão na contemporaneidade. Um caminhar para si que possibilita, a posteriori, perceber os entrecruzamentos entre essas dimensões bem como pontos de tensionamento que causam processos transicionais entre formas de perceber a experiência da Dança em devir ou após seu ato. Para tal, apresenta-se três obras constituídas durante a graduação em Dança que dialogam com processos de subjetivação do acadêmico. Este opta por uma escrita autobiográfica na tecitura de suas experiências com autores como Fuganti, Bondía, Josso, Dias, Carvalho, entre outros. Também se apresenta o processo de constituição das obras utilizadas na sua monografia de graduação em Dança, em que opta por mergulhar na relação entre marcas e costuras que a experiência deixa em si, revisitando sua infância para que sirva como disparador para essa produção artística. Concluindo-se que este processo de organização de uma pesquisa a/r/tográfica contribui para o reconhecimento de como estes processos se dão de forma imbricada com as experiências vividas.

Palavras-chave: Dança de salão. A/r/tografia. Experiência. Extensão. Artista-professor-pesquisador.

ABSTRACT

In the light of questions about how an artist-teacher-researcher is constituted, it is discussed how the a/r/tographic research processes move perceptions in the artist-teacher-researcher dimensions in contemporary Ballroom Dances. A walk for oneself that makes it possible, posteriorly, to perceive the intersections between these dimensions as well as tension points that cause transitional processes between ways of perceiving the experience of ever-changing Dance or after its act. To this end, three works done during graduation in Dance are presented to comprehend its dialogue with the subjectivation processes of the academic. He chooses to write an autobiographical work as a weaving of his experiences with authors such as Fuganti, Bondía, Josso, Dias, Carvalho, among others. The process of constituting the works used in his graduation monograph in Dance is also presented, in which he chooses to dive into

¹ Pós-graduando na Especialização Linguagem e Poética na Dança FFM/FURB. Graduado em Licenciatura em Dança pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. Pesquisador do grupo de pesquisa de Arte e Estética na Educação, vinculado ao mestrado e doutorado em Educação PPGE da FURB.

² Doutoranda em Educação pela UFPR. Mestre em Educação pela UNIVALI. Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Teatro pela FURB. Professora e Coordenadora do Curso de Licenciatura em Teatro da FURB. Pesquisadora do grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da FURB. Integrante da Linha de Pesquisa Linguagem, Corpo e Estética do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UFPR. Escritora de literatura para a infância com quatro títulos publicados e duas premiações.

the relationship between marks and seams that the experience leaves behind, revisiting his childhood so that it serves as a trigger for this artistic production. It is concluded that this process of organizing an a/r/tographic research contributes to the recognition of how these processes take place in an intertwined way with the lived experiences.

Keywords: Ballroom dance. Aa/r/tography. Experience. Extension. Artist-research-professor.

A/R/TOGRAFIA COMO PERCEPÇÃO DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NAS DIMENSÕES ARTISTA-PROFESSOR-PESQUISADOR EM DANÇA

O presente artigo nasce como recorte da monografia de graduação em dança intitulada "Artista-professor-pesquisador em dança de salão: processo a/r/tográfico atrelado à experiência". No qual, relaciono experiências com meu pai na minha infância e o seu ofício de estofador (pai e filho na Figura 1) com meu processo de constituição enquanto artista-professor-pesquisador. Um caminhar para si atrelado a experiências oriundas da graduação em dança (obras citadas neste artigo) e seus reflexos na concepção de danças de salão que permeiam meus fazeres metodológicos e conceituais no projeto de extensão em Dança de Salão Contemporânea da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Fazeres estes que durante o período enquanto bolsista-instrutor estiveram em trânsito de uma metodologia de dança tradicional para uma metodologia de dança que dialoga com a produção artística e social na contemporaneidade.



Figura 1: Obra de pós-fotografia elaborada no trânsito entre autorretrato, longa exposição e costura. Utilizada no trabalho de conclusão de curso "Artista-professor-pesquisador em dança de salão: processo a/r/tográfico atrelado à experiência", de Abner Sanlay Cypriano. 2021. Autores da obra: Abner Sanlay Cypriano e Adelirio Cypriano.

Descobrir onde me coloco como artista-professor-pesquisador faz parte do meu percurso que vem construindo um diálogo, no qual posso me denominar como A/r/tógrafo. Com as delícias que é a possibilidade de me colocar artisticamente em uma pesquisa (escrevendo inclusive em primeira pessoa) também, todas as suas dificuldades e os seus percalços. A/r/tografia é uma metodologia feita para nós e por nós, artistas, nos colocarmos enquanto área de conhecimento, sobretudo, sensível.

Um olhar íntimo para os processos de arte/dança que se tornaram produções passíveis de registros visuais contribuem para criar diálogos sobre como as danças de salão que me habitavam e habitam foram se transformando. Influenciando em minha forma de dançar, de ser professor e, conseqüentemente, na minha escrita. Nela, "A/R/T é uma metáfora para: Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e graph (grafia: escrita/representação). Na a/r/tografia, saber, fazer e realizar se fundem" (DIAS, 2013, p. 25). Sendo, portanto, uma metodologia "[...] que incorpora especificamente os procedimentos e as atividades artísticas – fazer artístico – no processo de investigação" (CARVALHO; IMMIANOVSKY, 2017, p. 224).

Embora utilize este trinômio artista-professor-pesquisador, os nomes deixaram de ser um lugar dicotômico para mim: tornou-se uno, indissociável, experiências que se costuram e se entre-atravesam por isso a utilização de hífen. O que vivo em sala de aula possibilita que minhas potências criativas criem arte. A arte que eu crio possibilita que eu escreva sobre ela. Escrever sobre arte possibilita transformar os fazeres metodológicos em sala de aula, e todos os ciclos se atravessam e retornam a si, em um círculo virtuoso de criação de potências, de modo afirmativo, o devir artista-professor-pesquisador. Conforme afirma Fuganti, "Então, diríamos nós, há uma produção de essência na existência. Através de um modo da potência ou da essência se efetuar na existência. Um modo singular, afirmativo. (FUGANTI, 2012, s/p.)

Quando penso em experiência e o quanto ela reverbera nos meus processos de subjetivação quanto artista-professor-pesquisador, percebo a possibilidade de estender as discussões que levantei sobre a minha infância para os processos artísticos oriundos da graduação. Irei apresentar três obras que são intencionalmente datadas em três períodos. Uma no início da graduação, uma no meio e outra próximo ao fim. Elas acompanham minhas relações com as danças de salão no projeto de extensão em dança de salão no qual fui bolsista instrutor de 2016/1 a 2021/1.

Tais pontos de ruptura influenciaram, ou foram diagnósticos, em mudanças no contexto pedagógico. Ou seja, o estar artista imbricado com o estar professor. Esse processo é ativo, claro, colocar-me em movimento gestou estas elaborações. Entretanto, é interessante pensar que em qualquer caso "[...] seja como território de passagem, seja [...] como lugar de chegada ou como espaço do acontecer,

o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. [...]" (BONDÍA, 2002, p. 24).

Desta forma, no plano da experiência, a agulha te atravessa, sem volta, ela te marca. Como a pedra lançada, um tiro ou a fotografia disparada, a experiência segue sua entropia. Expansiva, contínua, sempre em frente. Não há regresso. O que sobra é a memória do acontecido, os processos de subjetivação do que nos acontece. É a força bruta da agulha de aço cirúrgico perfurando a maciez do tecido (corpo, com toda sua subjetivação, perfurado pela experiência). Utilizo aqui uma referência da fotografia de Susan Sontag (2004), por associar o processo da fotografia também com a minha arte e no sentido da experiência como algo irreversível, que diz:

Fotografar pessoas é violá-las, ao vê-las como elas nunca se vêem, ao ter delas um conhecimento que elas nunca podem ter; transforma as pessoas em objetos que podem ser simbolicamente possuídos. Assim como a câmera é uma sublimação da arma, fotografar alguém é um assassinato sublimado - um assassinato brando, adequado a uma época triste e assustada. (SONTAG, 2004, p. 25.)

Estes estados produzem experiência, a experiência por si só nos oportuniza os processos de subjetivação, a partir do que nos acontece. Porém, o que nos acontece é singular, único, pois não se pode acreditar que o mesmo processo se dá a dois seres, posso eu passar pelas mesmas experiências de meu pai, que tomei na pesquisa como ponte entre minhas singularidades, mas ainda assim não me serão as experiências dele possíveis para mim. Sobre essa singularidade tomo Fuganti (2012), que diz que,

A singularidade é um modo necessário do acontecimento de nós mesmos, para que sejamos ativos e criativos. A singularidade é, na verdade, uma razão de potência da nossa existência. Se existir implica em criar existência e se a nossa essência é uma potência de criar existência. É preciso encontrar essa razão de potência, sem a qual não há criação de existência, e cuja criação de existência retorna sobre nossa própria essência em forma de mais potência de criar existência. (FUGANTI, 2012, s/p.)

Ainda em Fuganti (2012) podemos tomar o sentido de pensar, associado ao ato da experiência, o filósofo diz que o ato de pensar pode nos colocar em um círculo virtuoso da potência, e não um círculo vicioso. Quando e quanto penso crio potência, e essa minha potência estará diretamente relacionada com meu processo de subjetivação, Fuganti (2012) usa de Spinoza, e trago ambos, para que possamos pensar acerca do pensar como virtude potente de movimento,

Como diria Spinoza 'quanto mais eu penso, mais eu posso pensar. Quanto mais eu posso pensar, mais eu penso. Quanto mais eu penso, mais eu posso pensar.' É um círculo virtuoso e não um círculo vicioso. Um círculo virtuoso da potência. Da mesma forma em relação ao corpo: Quanto mais eu sou uma potência de mover, mais eu movo. Quanto mais eu movo, mais potência de mover eu tenho. Eu conquisto mais potência de mover. Além de ser uma potência de mover, eu conquisto, ganho ou tenho a capacidade de criar mais potência de mover. A mesma coisa em relação a mente e o pensamento. Quanto mais eu penso mais eu

crio capacidade, ou potência melhor dizendo, de pensar. E quanto mais eu crio essa potência de pensar, mais eu penso. (FUGANTI, 2012, s/p.)

Seria a existência uma experiência de potências em movimento? Provavelmente, assim como a agulha e a linha atravessam o tecido, a existência é atravessada por experiências de potência e de existência. Posso neste sentido compreender que meus processos criativos na universidade oportunizam meus modos de entender o pensamento, e entendendo o pensando descubro, portanto, modos de fruição que me atravessam, assim como me atravessaram as experiências junto de meu pai. Fuganti (2007) ainda ressalta que,

A experiência do pensamento é uma experiência de duração. Não há ideia instantânea, não há conceito instantâneo, tampouco sensação instantânea. Existe, contudo, um modo de fruição, para o qual é necessário um intervalo, uma parada, uma espreita. É necessário percebermos que não podemos dar lugar àquilo que é esperado de nós, atender às expectativas de um outro quando a vida espera o que temos de diferente a oferecer. (FUGANTI, 2007, p. 21-22)

Da estofaria do meu pai, para a universidade e meus processos de individuação, através de quem fui, como fui, o que pude ser descrito a seguir.

OBRA "LIVRO DE ARTISTA – ESTÁ MARCADO NA PELE"

No primeiro semestre da graduação em dança da FURB, em 2017/2, época que o projeto de extensão em dança de salão ainda caminhava por uma perspectiva metodológica mais tradicional, rompia-se timidamente com a alternância de condução no samba de gafieira. Fiz um livro de artista (Figura 2) para a componente curricular de Arte na Educação. O livro de artista consistia em uma pequena pele de couro, um retalho que peguei na estofaria do meu pai, enrolado e amarrado com um barbante. Na borda externa a frase "Está marcado na pele!", e internamente um desenho de um casal de dança de salão em uma postura tradicional de dança, com palavras soltas ao redor "arte, desafio, estudo, missão, dedicação, autoestima, amor, docência e empatia". Palavras que me marcavam naquele momento, com intensidade da escolha por uma carreira como artista da dança.

Eu sentia, naquele momento, que a história com dança que eu havia vivido até ali teria me marcado com intensidade, despertando a me dedicar, como missão, a uma dança de salão diferente dos moldes que eu havia vivido nas escolas de dança de salão que havia passado. Experiências que eu tinha julgado como "maus afetos" haviam abalado minha autoestima. Lembro de pensar na importância dos processos de ensino-aprendizagem em que a empatia é preponderante, como principal foco a investir nos estudos acadêmicos. Processos que afetavam diretamente a ação no projeto de extensão.

Relevante destacar que a materialidade em relação ao fazer profissional do meu pai estava presente nesse processo, meu pai é especialista em trabalhos estofados em couro. Entrar em seu espaço de trabalho para produzir o meu livro de artista, que contaria a minha história de forma artística, despertou-me emoções muito fortes. A materialidade dos objetos, nesse caso a pele, foi o que nos conectou. E ainda conecta. Sinto-me muito próximo do meu pai quando penso em materialidades e produção artística, ou quando penso na nossa aparência e olhares, que são muito parecidos.

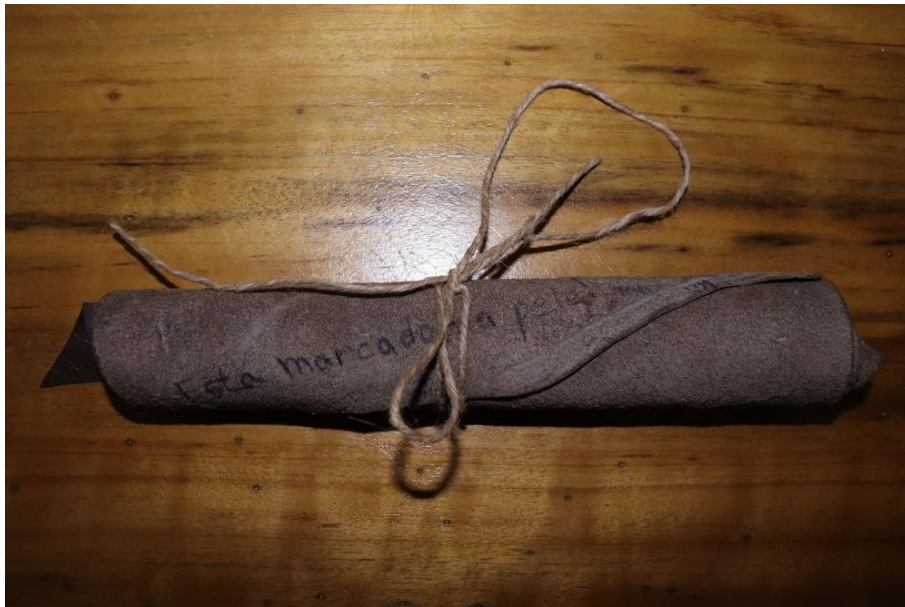


Figura 2: Obra "Livro de Artista", utilizada no trabalho de conclusão de curso "Artista-professor-pesquisador em dança de salão: processo a/r/tográfico atrelado à experiência", de Abner Sanlay Cypriano. 2021. Autor da obra: Abner Sanlay Cypriano.

OBRA "REMEMORAR"

"Rememorar" (Figura 3) foi um trabalho de pesquisa corporal desenvolvido para a componente curricular de Dança Contemporânea II. Tínhamos que pesquisar um conceito pelo corpo, fisicalizá-lo, criando um "corpo-algo". Tive bastante resistência e dificuldade nesse processo, um corpo marcado por exigências de movimentos padronizados nas danças de salão. Foi, ao pensar nesse corpo que se move dentro dos padrões de movimento das danças de salão, que decidi explorar justamente as amarras que meu corpo possuía, pelas marcas da experiência com essa técnica.

Foi no banho, lembro com clareza, que o destravamento do processo começou. Percebi que utilizava muito as relações tônicas que a respiração me concedia como proposição nos passos de dança de salão. Nesse processo solo de reconhecer os resquícios em mim, fui acentuando a respiração e as relações tônicas. Fui experimentando transições de uma estrutura para outra, repetidamente, até que foram se tornando um emaranhado meio torto, disforme, que alterado por fluxos e intensidade da

respiração, havia se tornado uma outra coisa. Acho que esse pode ter sido um primeiro momento de uma busca de um Corpo sem Órgãos³ (CsO) nas danças de salão, embaralhando primeiro em mim, de uma forma um tanto ingênua, todas as organizações que as danças de salão propunham até então.



Figura 3: Obra "Rememorar", utilizada no trabalho de conclusão de curso "Artista-professor-pesquisador em dança de salão: processo a/r/tográfico atrelado à experiência", de Abner Sanlay Cypriano. 2021. Autor da obra: Abner Sanlay Cypriano.

OBRA "RES (INS) PIRAR"

Res (ins) pirar (Figura 4), um videoarte contemplado pelo Prêmio Funarte RespirArte em meio a pandemia de coronavírus em 2020. Foi um processo que me serviu como grito de socorro corporal. Após 5 meses de isolamento e o corpo artístico metaforicamente "atrofiando", (possivelmente não só metaforicamente), combinei com minha parceira de pesquisa, Fransuê Ribeiro, para fazermos uma saída urbana para produzir um videoarte que colocasse para fora as ânsias que estar inerte tinha me causado.

³ A compreensão de Deleuze e Guattari (1996) perante o Corpo sem Órgãos dá-se em sua intervenção para a individuação por hecceidade, para a produção de intensidades a partir de um grau zero, para a matéria da variação, para o meio do devir ou da transformação, para o alisamento do espaço. No plano de consistência – contido nos conceitos do CsO –, as hecceidades são modos de individuação que não procedem pela forma nem pelo sujeito e nesse plano inscrevem-se junto aos acontecimentos, às essências nômades ou vagas, aos continuums de intensidade ou variações contínuas, aos devires e aos espaços lisos. Em suma, plano de consistência equivale às relações de velocidade e de lentidão entre elementos não formados e nas composições de afetos intensivos correspondentes.

Assim que chegamos em um espaço que seria possível a gravação do vídeo e interação com o ambiente, percebi que meu corpo não respondia ativamente como estaria respondendo em um contexto pré-pandêmico. Entrei em um processo ambivalente de dentro-fora buscando relações que pudessem promover algum estado corporal. Por algum tempo, sem sucesso. Até que um mosquito pousa em meu dedo e sou arrebatado para o que estava ocorrendo naquele momento. Invés da fuga, a busca pela relação. A experiência e o que este momento moveu posteriormente foram valiosos, pois pude perceber que em algum nível estávamos tento uma dança a dois, eu e o mosquito.



Figura 5: *Ins) Pirar*, utilizada no trabalho de conclusão de curso "Artista-professor-pesquisador em dança de salão: processo a/r/tográfico atrelado à experiência", de Abner Sanlay Cypriano. 2021. Autores da obra: Abner Sanlay Cypriano e Transuê Ribeiro.

PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS OBRAS "RASGAR-SE E REMENDAR-SE" DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO "ARTISTA-PROFESSOR-PESQUISADOR EM DANÇA DE SALÃO: PROCESSO A/R/TOGRÁFICO ATRELADO À EXPERIÊNCIA"

As obras utilizadas (Figuras 5 e 6) no trabalho de conclusão de curso "Artista-professor-pesquisador em dança de salão: processo a/r/tográfico atrelado à experiência" foram feitas a quatro mãos. Divididas em duas etapas. Processo #1: No escuro e na tentativa de registrar o rastro do efêmero com fotos em longa exposição (15 segundos de obturador aberto), as centelhas respingavam frente a lente 18mm da câmera. A cada faiscar do isqueiro um novo rosto se fazia presente, constituindo uma

fotografia multifacetada. Todas aleatórias e experimentais. A experiência se dava pela abertura ao inesperado, fotos ao acaso que reconfiguravam as organizações dos meus narizes, dos meus olhares, dos meus queixos, das minhas orelhas. Ali o “Eu” era plural, indefinido. Uma desorganização que se aproxima do Corpo sem Órgãos (CsO). Com suas disposições e funções alteradas.

O que dura do infinito de um instante? Desse processo o que expresso é o conto inacabado de um jovem fotografado. Quase não me prendo, fiquei meio borrado. Me rasgo e me remendo, costuro e as vezes suture. Me desfaço e quase disfarço. Território de passagem, obra em reconstrução. Peça em pedaço, o patchwork do abraço... vai tomando proporção. (CYPRIANO, 2021, no prelo)

Processo #2: Decidi revelar as fotos para permitir que o meu pai deixasse suas marcas nelas. Logo estávamos nós dois recortando e remontando as imagens, desorganizando o que já estava desorganizando. Criando juntos. Retornei às lembranças da infância em que a inventividade era o momento que nos unia. A receptividade para o acontecimento⁴ que produzia o que estava por vir. Percebi que este é o momento que tenho buscado em minhas aulas: criar uma zona de permeabilidade para a experiência. Onde o ambiente e as pessoas produzem o que as conduz, sem pretensão de conduzirem algo ou alguém, mas atentas e receptivas para o que já está a conduzi-las – o acontecimento.

Após a remontagem das fotos o meu pai ligou sua máquina de costura (uma máquina da que possui aproximadamente a minha idade) e começou a deslizar as imagens embaixo da agulha de aço cirúrgico. A cada perfurar da agulha, a lançadeira dava um novo nó e, pouco a pouco, ele foi desenhando sobre as fotos com o meu rosto desorganizado. Disse que os caminhos que percorria estavam relacionados com o que ele sentia que elas despertavam: curvas, retas, círculos, zigue-zagues. Sinto este processo como uma espécie de dança. Rememorando Guimarães Rosa (1967) quando diz que “viver é um rasgar-se e remendar-se”, pois que este rasgar-se e remendar-se seja dançando e produzindo arte.

⁴ Acontecimento: Para o filósofo Charles Feitosa (apud LORANDI, 2020, p. 16), ainda arranhamos em entender o que é o acontecimento, como ele explica no podcast Entrevista com Charles Feitosa: o que é acontecimento (2020). Ele adverte que somos acostumados com as coisas prontas, as relações dadas, a lógica de uma produção direta de causa e efeito. E é possível pensar o acontecimento na dimensão das processualidades e do desconhecido, das muitas coisas em operação que geram uma diferença, pensar na ordem do devir e da instabilidade da existência. O acontecimento desconfigura a expectativa, ele está mais ligado ao que excede e ao indizível daquilo que acontece, está na ordem do porvir e da alteridade, ou seja, na chegada e reconhecimento do outro, da outra. (LORANDI, 2020, p. 16)



Figura 5: Processo de criação das obras de fotografia híbrida elaboradas no trânsito entre autorretrato, longa exposição e costura. Utilizadas no trabalho de conclusão de curso "Artista-professor-pesquisador em dança de salão: processo a/r/tográfico atrelado à experiência", de Abner Sanlay Cypriano. 2021. Autores das obras: Abner Sanlay Cypriano e Adelirio Cypriano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao optar por uma metodologia de pesquisa que dialogue com a experiência e que permita o trânsito entre as dimensões artista-professor-pesquisador, esgarçasse possibilidades de interpretação da experiência. Permitindo, assim, que durante o percurso novos processos de subjetivação ocorram, possibilitando perceber que essas dimensões estão imbricadas às experiências do ser, que portanto, possuem um trânsito contínuo de diálogo entre si. Sendo este "[...] outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que "nos passa", ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. [...]" (BONDÍA, 2002, p. 25-26). E, portanto, a "[...] experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida." (ibidem)

Conforme Josso (2012, p. 21), o processo biográfico de "caminhar para si" acompanha todas as pré-concepções de mundo que compõem o plano de experiência de cada ser. Durante esse percurso, essas pré-concepções estão passíveis de atualizações. Permite que se compreenda quais foram os atravessamentos que o orientaram, e assim, ao recordar suas bagagens de encontros, acontecimentos, temporalidades e afins, consegue descrever suas atitudes e comportamentos. "Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um." (JOSSO, 2012, p. 21). Desta forma, todo processo biográfico apresentado constitui parte relevante nesse

entrelaçamento entre as linhas que se emaranham e me constituem como artista-professor-pesquisador. Em constante processo de subjetivação/individuação.

Como ponto final dessa costura, sinto que a a/r/tografia se mostrou território fértil para produção de escritas sensíveis que levam a relação da experiência como preponderante no processo, possibilitando que estes saberes da experiência dessem o "tom" da pesquisa. Uma escrita relacional que oportuniza afetos que nutrem o território do corpo e, principalmente, da arte como área de conhecimento.



Figura 6: Obra de fotografia híbrida elaborada no trânsito entre autorretrato, longa exposição e costura. Utilizada no trabalho de conclusão de curso "Artista-professor-pesquisador em dança de salão: processo a/r/tográfico atrelado à experiência", de Abner Sanlay Cypriano. 2021. Autores das obras: Abner Sanlay Cypriano e Adelirio Cypriano.

REFERÊNCIAS:

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abril. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 de nov de 2020.
- CARVALHO, Carla; IMMIAOVSKY, Charles. PEBA: a arte e a pesquisa em educação. **Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul**, v. 25, n. 3, p. 221-236, set./dez. 2017.
- CYPRIANO, Abner Sanlay. **Artista-professor-pesquisador em dança de salão: processo a/r/tográfico atrelado à experiência**. Orientadora: Caroline Carvalho. 2021. Monografia (Graduação) – Licenciatura em Dança, Departamento de Ciências da Educação, Artes e Letras (CCEAL), Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau. Apresentado em: 2021. No prelo.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (Org.). **Pesquisa Educacional baseada em Arte: A/r/tografia**. Ed. UFSM. Santa Maria, 2013.

FUGANTI, Luiz. Corpo em devir. **Sala Preta**, 7, 67-76. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v7i0p67-76>> Acesso em: 20 de junho de 2021.

FUGANTI, Luiz. Corpo sem órgãos: **4º Festival Contemporâneo de Dança São Paulo**, 2011. 1 vídeo (1:56:45), publicado pelo canal do youtube Luiz Fuganti. 27 de outubro de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=llwxWe_Tvo4> Acesso em: 19 de março de 2021.

JOSSO, Marie-Christine. O corpo biográfico: o corpo falado e o corpo que fala. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia – terceiras estórias**. 2ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio. 1968.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.